

CNPJ: 35.372.771/0001-94

Novembro 2025

É um **Fundo Long Only** de Ações da Kinea, e isso quer dizer:

CLASSES DE ATIVOS

Ações listadas na bolsa brasileira (B3) ou norte-americana (Nasdaq, Nyse) de empresas com operação no Brasil.

DIVERSIFICAÇÃO SETORIAL

Buscamos as melhores oportunidades no mercado de ações, agregando valor nos diversos setores da economia

ESTILO

Combinação de uma análise fundamentalista do cenário econômico (análise macro) com uma análise estrutural (vantagens competitivas) e de momento de curto prazo das empresas (análise micro)

FUNDO LONG ONLY

O Kinea Gama é um fundo Long Only cujo índice de referência é o Ibovespa. Isso significa que o fundo posiciona-se até 100% comprado em ações de empresas brasileiras, sempre tendo como referência o Ibovespa, agregando valor ao performar melhor que o índice.

OBJETIVO DO FUNDO

Superar o IBOVESPA com um **tracking error***, em torno de: **8% a.a.** ao longo do ciclo de investimentos

*Tracking error é uma medida de risco que mede quão distante o desempenho de um fundo ou portfólio está do seu benchmark - no caso, o Ibovespa. Quanto maior o tracking error, maior o risco comparativamente ao índice de referência.

CONTÉM

Combinação de análise Micro das empresas com a análise Macro e o cenário econômico do Brasil

ESTRATÉGIA DE GESTÃO

TOP DOWN



Análise fundamentalista para definição de investimento entre os diversos setores da economia

BOTTOM UP



Análise estrutural das vantagens competitivas, de valor e de momento das empresas para definição de investimento entre as diferentes empresas



COMENTÁRIO DO GESTOR:

Novembro consolidou a liderança do Brasil no rali global de ativos e marcou um mês emblemático para a Bolsa local. O Ibovespa subiu 6,4% em reais, com o ETF EWZ avançando 7,8% em dólares, ao passo que o S&P 500 encerrou praticamente estável (+0,13%) e a Nasdaq recuou 1,64%. No Brasil, o real se apreciou 0,72% frente ao dólar e a parte longa da curva doméstica cedeu 36bps, reforçando o apetite por ativos de maior duration. O pano de fundo combinou (i) desinflação gradual nas economias desenvolvidas; (ii) discussão sobre o início do ciclo de cortes no Brasil entre janeiro e março de 2026; e (iii) um regime de mercado em que o fluxo tem se sobreposto ao valuation, com investidores estrangeiros recompondo overweight em Brasil e emergentes. A temporada de resultados, encerrada no início do mês, corroborou esse “carrego”: no agregado, a fotografia foi sólida para large caps e empresas de qualidade, com revisões de lucros mais benignas no Brasil do que no exterior.

A dinâmica local seguiu construtiva. O Banco Central manteve a Selic em 15% e a comunicação dura, mas as minutas e o IPCA-15 benigno reforçaram a janela para início do ciclo de afrouxamento no 1º tri/26 (mercado segue dividido entre janeiro e março). O câmbio mais apreciado ajudou a ancorar preços; os núcleos continuam comportados e a inflação de alimentos perde fôlego na virada do ano. Do lado da atividade, o PIB do 3º tri deve ter crescido próximo de zero (+0,1% t/t nas projeções de casas locais), num quadro de desaceleração “controlada” e sem choque adverso no mercado de trabalho. No micro, a temporada de resultados brasileira terminou com bom saldo em bancos, utilities, materiais e alguns nomes de construção de baixa renda; setores mais cíclicos e histórias de turnaround seguem pedindo seletividade. Em termos de preço e fluxo, a Bolsa engatou uma sequência histórica de altas, 15 pregões consecutivos, superando os 150 mil pontos e renovando máximas, com clara outperformance de large caps sobre small caps. O investidor estrangeiro permaneceu comprador líquido no cash equity e o posicionamento dos fundos locais segue mais otimista. No fiscal, o governo reforçou a intenção de cumprir a meta via PLP 182 e MP 1303, mas o tema segue sendo o principal “hurdle” de 2026 para uma trajetória mais agressiva de cortes.

Lá fora, o mês foi marcada por um sell-off parcial em tecnologia, com ceticismo crescente sobre a rentabilidade do ciclo de IA diante do capex elevado e valuations esticados — o índice setorial de tecnologia do S&P chegou a recuar mais de 4% em uma das semanas do mês. Apesar disso, a fotografia de lucros do 3º tri nos EUA seguiu robusta (alta taxa de “beats” e surpresas médias relevantes). A comunicação do Fed alternou tons hawkish e dovish, com probabilidade de corte em dezembro ainda volátil, mas a tendência de 2026 continua a apontar para a continuidade da flexibilização e dólar estruturalmente menos pressionado, o que sustenta emergentes. Em commodities, petróleo permaneceu sob a narrativa de oversupply, comprimindo beta do setor; o minério sustentou níveis saudáveis,